

## **A função da Religião no pensamento de Rui Barbosa.**

*Andrea Braga Fonseca*

*Mestre em história política (UERJ)*

Muitas pessoas, das mais diversas especialidades, já falaram de Rui: Rui jornalista da República, Rui escritor e orador, Rui advogado, Rui renovador da sociedade, Rui ministro da fazenda, Rui diplomata, Rui e a educação. São tantas as facetas e tantos os caminhos por onde seguir. Essa variedade de estudos decorre do fato que Rui Barbosa ter transmitido uma imensa obra sobre o espírito de uma época na qual a sociedade brasileira buscava harmonizar-se com as demais nações consideradas “modernas”.

Este artigo tem como objetivo englobar uma outra faceta deste personagem – a função da religião no pensamento de Rui Barbosa. Pensamento esse que influenciará o seu próprio liberalismo.

O delineamento deste trabalho se deu a partir das pesquisas realizadas para a elaboração de minha dissertação de mestrado. Quando trabalhei os conceitos de progresso e modernidade no pensamento de um grupo protestante histórico no Brasil. Rui Barbosa sempre era citado no Jornal Batista, semanário oficial deste grupo. Para esses, ainda que Rui Barbosa continuasse católico até o fim de sua vida, sua teologia esteve muito próxima do pensamento protestante, tanto no que se refere à relação entre igreja e Estado quanto à natureza do relacionamento homem-Deus. Além do mais, boa parte da vida política de Rui Barbosa foi uma tentativa de reproduzir no Brasil a experiência democrática da Inglaterra, o ímpeto reformador dos Estados Unidos. Rui acreditava que só a descentralização administrativa e política, emprestando maior autonomia as províncias, dando cabo dos vícios burocráticos da centralização imperial, encaminharia o Brasil para uma etapa de progresso acelerado. Por isto, não é mera coincidência que os protestantes elegeassem Rui seu maior tribuno. Também não foi por acaso que o clero brasileiro o elegeu como seu inimigo quando ele se fez candidato à presidência da república.

Este trabalho, faz uma leitura dos escritos de Rui com o objetivo de responder algumas questões, tais como: Como Rui Barbosa viu a função da religião numa sociedade

em mudança? Como ele construiu o seu conceito de Liberalismo sendo cotejado por sua visão religiosa?

### ✓ **POR QUE RUI?**

Os primeiros protestantes brasileiros almejavam a conversão de todos os cidadãos como porta de entrada para a civilização, contra a barbárie do atraso. O Brasil foi pensado como tendo sido forjado pela ausência criada pela presença de uma Roma distante. A chegada do protestantismo foi interpretada como uma ação do espírito de Deus sobre esta cultura, para redimi-la e impulsioná-la ao progresso. Assim o nascimento do protestantismo no Brasil faz parte também de um movimento histórico, ligado à descoberta do continente latino-americano, como natureza a ser explorada, terra a ser cultivada, cultura a ser dominada e povo a ser convertido.

Os primeiros pregadores das verdades protestantes (apologistas todos de confissão e colportores a maioria por profissão) apresentaram-nas como capazes de levar o Brasil ao tão desejado progresso social, político e econômico, a partir da disseminação da Bíblia e da implantação de uma nova moral. O pressuposto básico era que o catolicismo romano era o responsável pelo atraso da nação, pensamento compartilhado por alguns autores europeus, como o economista belga Emile Laveleye, para quem o protestantismo é sinônimo de progresso. No Brasil a tese de Laveleye foi lida por Rui se constituindo da seguinte forma: o protestantismo é um aliado da democracia e do progresso, porque implica numa norma mais elevada de moralidade pessoal, trazendo para os féis conseqüentes benefícios em termos de saúde e prosperidade individuais, é a base da democracia; por sua ênfase no livre exame da Bíblia e na abertura de escolas, promove a educação, com inevitável progresso para a nação como um todo.

Rui achava que o regime ideal, para o Brasil devia nivelar todas as confissões religiosas: “*o crente emancipado na igreja, a igreja livre no Estado, o Estado independente da igreja*”. Rui apresentava assim a uma perspectiva religiosa um pouco diferenciada do catolicismo vigente.

Na época de Rui combates a respeito da religião foram travados. Podemos citar como exemplo o livro intitulado “O Papa e o Concílio”<sup>1</sup> do historiador excomungado Johann Joseph Ignaz von Dolinger, denominado Janus.

Na Europa em função desses intensos debates surgiram dois grupos distintos:

1º – centrado na crença no progresso como regenerador da sociedade, encontradas em países de formação protestantes ( Alemanha e Inglaterra)

2º – a luta cada vez mais difícil da igreja católica-romana pela permanência de valores tradicionais, mesmo que opostos a linha do progresso científico.

Em a “Queda do Império”<sup>2</sup>, o que estava em jogo para Rui era a relação entre o episcopado brasileiro e o poder executivo: “a existência, a autonomia, a supremacia terrena do Estado”.

Dentro deste debate é que o Brasil moderno começou a ser discutido. Tomando parte nessas visões estava o positivismo, a maçonaria, o catolicismo “liberal”, o catolicismo “ultramontano”e, o protestantismo.

Rui entra nessa discussão porque queria também pensar um Brasil novo, mas continuou a ser católico por formação e convicção, embora para muitos os caminhos que conduziam ao progresso não poderiam ser seguidos pela fé. Essa não era a posição de Rui, o que faz com que ele seja tão bem recebido entre os protestantes, especialmente os batistas. No caso de Rui a fé não se tratava em um obstáculo ao progresso, como se lê na afirmação seguinte:

*“Muitas vezes esperei descobrir nos recessos da ciência (...) a chave para os arcanos do universo, o alimento são, completo e abundante para o espírito, o balsamo genuíno para as magoas do coração. Deus, pois, estendeu seu braço para mim e crestou a flor do meu orgulho. Então, achei os livros mudos, a razão muda e a filosofia estéril. Chorei e abracei-me à cruz. Foi a fé que me salvou”<sup>3</sup>*

Rui apesar das críticas ao catolicismo, jamais rompeu com a Igreja Católica. Mas ele próprio acrescenta. : “O catolicismo, no entanto, não associa à religião a liberdade”<sup>4</sup>. Em sua concepção, não sabia conceber o homem sem Deus: “a necessidade das

<sup>1</sup> Rui Barbosa. *O Papa e o Concílio*. Rio de Janeiro: MEC, 1977.

<sup>2</sup> Rui Barbosa. *Queda do Império. Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: MEC, 1947, p. 475.

<sup>3</sup> Rui Barbosa. *Discurso na sociedade acadêmica beneficente*. Obras Completas, I, 1, p. 160

<sup>4</sup> Rui Barbosa. Excursão eleitoral. Obras completas, XXVII, 1, p. 60

*necessidades*<sup>5</sup>” Nem visualizava uma nação civilizada e atéia. Para ele fé e progresso podem andar juntos sem problemas, distinguindo a função da Religião e da Ciência, mas ao mesmo tempo se entrelaçando.

*“Não me acolhi entre as filosofias que fez da ciência a grande negação. Percorri filosofias; mas nenhuma delas me saciou; não encontrei repouso em nenhuma (...) Vejo a ciência que afirma Deus; vejo a ciência que impescinde de Deus. A mesma fé que nos arrasta da atribulação da fé ao exclusivismo científico, pode reconduzir-nos do radicalismo científico a placidez da fé”<sup>6</sup>.*

*Ou*

*“Em toa a parte, até hoje, tem sido o sentimento religioso a inspiração, a substancia, ou o cimento da instituição livre, onde quer que elas duram, enraízam-se e florescem”<sup>7</sup>.*

Na concepção de Rui Barbosa a crença não prejudicaria o desenvolvimento intelectual do povo. E é justamente a junção entre ciência e fé que possibilitariam definitivamente a liberdade e a igualdade. Diante dessa conclusão ele chega a um ponto central – o catolicismo romano conspira – *“Contra a ciência e a consciência, entre a história e o evangelismo, entre a liberdade e o progresso”<sup>8</sup>*. Rui Barbosa não deixa de ser católico, mas ele se levanta contra o catolicismo “ultramontano” e rejeita o dogma e a superstição que envolve esse catolicismo e que atrapalha o desenvolvimento do progresso da nação.

*“[...] o ultramontanismo essa bandeira de reação, intransigente como a fé que ele não nutre, e astuta como interesse político, que é o seu único alimento e a sua moral única [...]. de dous elementos se compõe o ultramontanismo, ambos inacessíveis à razão: um, a fé supersticiosa, que só se rende às alucinações e às pieguices do sobrenatural, recursos de que não disponho; o outro, os interesses de partido, que em nenhum são tão cegos como no clerical. Meu fim único é provar que a liberdade estaria perdida, se contasse com a milícia fiel desses arraiais”<sup>9</sup>.*

Com essas posições acaba sendo atacada como materialista e ateu, mas o que se percebe em seus escritos é o contrário:

---

<sup>5</sup> Rui Barbosa. Discurso no Colégio Anchieta. Obras Completas, XXX, 1, p. 317

<sup>6</sup> Rui Barbosa. Visita à terra natal. Obras Completas, XX, 1 p. 45.

<sup>7</sup> Antonio Batista Pereira. Rui Barbosa, o organizador da República. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989, p. 34.

<sup>8</sup> Rui Barbosa. Alex Herculano, NDC – HP, p. 68

<sup>9</sup> A secularização dos cemitérios, p. 47

*“...o deus das minhas indignações, era o deus da idolatria e da opressão, o deus da hipocrisia, imobilidade, o deus das mundanidades e das ambições temporais”.*<sup>10</sup>

Sua resposta a Affonso Celso foi clara: “...nunca deixei de ser cristão”<sup>11</sup>. Era o catolicismo ultramontano o inimigo do progresso moral, político e econômico do Brasil, razão porque ele dizia que o problema religioso do Brasil era um problema político.

*“A doutrina que o catolicismo ultramontano professa, e cuja rejeição constitui uma heresia monstruosa, incomparável com a felicidade eterna é que a Igreja é a lei, o Estado a força, a Igreja o direito, o Estado o braço; a Igreja a inspiração divina infalível e imutável, o Estado a cegueira animal, caduca e inevitavelmente serva”*<sup>12</sup>.

A posição de que fé/ciência/progresso são compatíveis é assumida após o exílio na Inglaterra. Em suas cartas Rui deixa claro sua admiração pela Inglaterra e a possibilidade de conciliação da religião com a razão. Como a seguinte citação:

*“É o inglês com o seu senso religioso, o seu senso comercial e o seu senso político que nos chama a atenção[...] Pelo seu senso religioso que fez o seu caráter excepcional. É a condição fundamental, por onde se habilitou a possuir o mundo... pelo senso político, resultado do seu complexo senso religioso... criou a arte sem precedentes de organizar e consolidar as conquistas... O progresso britânico é profundamente moral, essencialmente religioso”.*<sup>13</sup>

Isto provocaria uma importante ruptura em seu racionalismo político, pois uma das funções políticas da educação seria a sua capacidade de moralizar (racionalizar) as massas que iriam participar da democracia. Em seu exílio ele constatou que a religião tinha uma certa compatibilidade com o espírito científico (principalmente depois que leu – “Os fundamentos da crença de Balfour”), ele aceitaria a hipótese de que as classes “incultas” poderiam, receber a instrução via igreja.

---

<sup>10</sup> Rui Barbosa. Visita à terra natal. OC, XX, 1, p. 52

<sup>11</sup> RB. Cartas da Inglaterra. OC, XXIII, 1, p. 322

<sup>12</sup> O papa e o Concílio. OC. , p. 116

<sup>13</sup> Vo. XXII – Tomo I. Cartas de Inglaterra. P. 50

Pelas suas posições muitos o criticavam com um “inglês desterrado entre bugres”. Inclusive por aceitar mal o lado não europeu de nossa cultura. R. Magalhães Jr cita texto de Rui em que se refere aos chineses: “*Pouco mais vantagens lhes levamos do que as da origem européia e dessa superioridade de humanidade e cristianismo, com que encobrimos a miséria orgânica da nossa degeneração*”. A degeneração advinha da mestiçagem, idéia de amplo curso em fins do século XIX. Um menosprezo a cultura popular, principalmente suas influencias africanas

Dessa forma, Rui acreditava que era necessário um aperfeiçoamento social e político do Brasil por meio de um longo processo educativo e categórico, quando declarou: “A nosso ver, a chave misteriosa das desgraças que nos afligem, é esta e só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miséria”<sup>14</sup>.

Através do ensino poderia ser desenvolvido no aluno a percepção do dever. Assim, todas as funções da escola deveriam estar voltadas na direção da cultura moral que envolve todo o ensino. A ação moralizadora deveria estar presente com vistas a formação do caráter e cultivo de virtudes tais como a valorização do trabalho; o bom emprego do tempo; “o self control”. O cultivo deste sentimento deveria estar associado ao ensino da ciência; da prática, da experimentação, ao contrário da educação Jesuíta que imprime o misticismo e a superstição na cabeça da mocidade. A introdução de uma nova forma de educação faria um importante serviço à cultura dos sentimentos morais. A ciência, para Rui Barbosa, era religiosa e moralizante.

Está erigido o encontro de Rui com o protestantismo, que desejava estabelecer –se através de uma pedagogia diferenciada, influenciados pela filosofia da Nova Escola difundida na Europa que valorizava a ciência e a prática.

Como resultado dessas concepções. O liberalismo religioso de Rui consiste, primordialmente, na compreensão da democracia como sendo a:

---

<sup>14</sup>“Reforma do Ensino Primário”, *Obras Completas de Rui Barbosa*, vol. 10, 1883, t. 1, p. 121.

*“representação proporcional das minorias, o reconhecimento de que o direito, ainda que seja o de um individuo só, não pode sacrificar-se aos interesses, ainda que seja do povo inteiro; é a sagração do individuo, da liberdade da palavra, da liberdade de imprensa, da liberdade de reunião, da liberdade de cultos, da liberdade de trabalho, da liberdade política”<sup>15</sup>.*

A religião é percebida por ele como algo indispensável da vida humana, e por conseguinte da nacionalidade, uma vez que Deus é percebido como a garantia da liberdade que preconizava.. Sua fé passava pelo crivo de um racionalismo moderado e de um tradicionalismo renascentista, uma vez que não seguiu os deistas, na tarefa de depurar o catolicismo daquilo que não passasse pelo cânon da razão, e no projeto de recuperar o original do cristianismo.

O catolicismo legítimo para Rui não é o ultramontano, *“pois nela a igreja é a lei, o estado a força; a igreja o direito, o estado a dependência; a igreja a cabeça, o estado o braço; a igreja a inspiração divina infalível e imutável, o estado a cegueira animal, caduca e inevitavelmente serva”*.<sup>16</sup> Para ele o catolicismo brasileiro não era mais cristianismo, antes era *“a mais flageladora de quantas gangrenas morais podem afligir uma sociedade. É pior que uma doutrina; é uma política; um partido, uma permanente solapa às instituições liberais”*<sup>17</sup>.

Não é por acaso que Rui Barbosa era chamado de “oráculo” dos batistas, nem é accidental que uma foto sua abra os Anais da Convenção Batista em página de praxe destinada aos ilustres mortos batistas. Afinal ele ajudava a pintar o catolicismo como teologicamente corrompido, politicamente avaro e aspirando reger os destinos do Brasil para benefício próprio, razão porque perseguia os protestantes no Brasil.

O seu liberalismo é resultante de uma tensão do respeito a lei, à liberdade, à ordem, à razão, ao individuo. Liberdade e justiça eram valores básicos do ideário de Rui. Independentemente das instituições ou formas de governo que lhe dessem guarida, é na liberdade por exemplo, que a pátria se assenta. E escreve:

---

<sup>15</sup> Rui Barbosa. “Programa da Tribuna do povo” OC, 1, p. 23

<sup>16</sup> Rui Barbosa. O Papa e o Concílio. Rio de Janeiro: MEC, 1977, V. IV t. 1, p. 135.

<sup>17</sup> Idem. A Igreja e o Estado.

*Mas acima da pátria ainda há alguma coisa: a liberdade; porque a liberdade é a condição da vida da pátria, é a consciência, é o homem, é o principio divino do nosso existir, e o único bem cujo sacrifício a Pátria não nos pode reclamar.*

A partir de meados do séculos XIX importantes conquistas foram obtidas na Europa, ampliando o sufrágio. No entanto, a partir dos anos 1870, a Europa viu uma forte onda conservadora, provocada pelo acesso das classes trabalhadoras no governo através do sufrágio. Esse período provocou nas elites um retrocesso em suas próprias concepções a respeito do liberalismo, fazendo com que o ideal supremo da liberdade começasse a ter restrições morais e políticas – a liberdade e o exercício da cidadania política dependeriam de qualidades morais.

E em Stuart Mill que a moralidade seria a condição para que a igualdade produzida pela democratização da sociedade não fosse incompatível com a liberdade. Ao contrario, o desenvolvimento moral permitiria a ampliação da liberdade, ajudando o progresso econômico e político. Rui foi um leitor de Mill

Tanto para Rui quanto para Mill, o analfabeto não poderia votar. E, neste instante, observa, referindo-se à Inglaterra, que lá sim se sentia a importância do sufrágio universal. A teoria do sufrágio de Rui pressupunha a instrução como clausula preliminar. Sem instrução, sem saber ler nem escrever, não se poderia ser plenamente cidadão. Até porque a única maneira popular e de âmbito nacional de informação política a época era a imprensa (escrita). Portanto, não saber ler era não conhecer a política. A democracia seria o governo da razão.

A política em Rui era mais do que uma disputa pelo governo do Estado, uma postura capaz de transformar a sociedade na totalidade, a partir da implantação de um sistema político baseado na liberdade.

*“Se o Brasil tivesse obtido a liberdade inglesa, só refinados monomaniacos ...aspirariam à República. ... Eu não idolatro formas de governo.... Eu quero a razão nos seus direitos, nos seus direitos o povo, e, pairando acima de ambos a liberdade, garantia comum”.*

No plano da fé um trecho de um de seus discursos dá o tom de sua crença:



*“O protestantismo nasceu da liberdade da consciência individual, cuja conseqüência política é a liberdade religiosa; do protestantismo é filha a instrução popular, que constitui a grande característica, o principal instrumento e a necessidade vital da civilização moderna; ao protestantismo está associada (...) uma exuberância de prosperidade industrial, luxuriante e vigorosa como a vegetação dos trópicos, em constância com os países onde os processos de governos católicos, aplicados em seu rigor, cansaram as almas e esgotaram a energia moral do povo<sup>18</sup>”.*

A tragédia do Brasil, não era o cristianismo, mas o catolicismo principalmente o ultramontano.

O pensamento político de Rui Barbosa recusa qualquer radicalismo, desde o poder pessoal nas monarquias às ditaduras militares e científicas. Do mesmo modo, as ditaduras populares seriam rejeitadas. Ou seja, seu liberalismo estaria sempre pronto a combater o despotismo, inimigo da liberdade. Porém, não estava disposto a permitir ao povo, o direito de decidir por ele mesmo, constituindo “governos de ignorância”, enquanto este não possuísse a moralidade e intelectualidade tidas como necessárias.

Era preciso imprimir no povo uma nova moral. Como ele mesmo diz:

*“Crenças que se acham deste modo, embebidas no sentimento moral e na cultura política da raça mais forte, mais reprodutora, mais povoadora e mais livre da terra não se pode admitir que estejam descambando para crepúsculo, ou que contrariem o progresso, e sejam inimigas da liberdade. Vede o que tem dado a outras a filosofia francesa do século passado... que assombram com as suas loucuras a nossa época”<sup>19</sup>.*

A nova moral desejada por Rui ou o desejo de estabelecer um desencantamento do mundo racionalista modernizante esbarra no pensamento mágico, irracionalista das credulidades e superstições brasileiras, diferentemente dos modelos inglês e norte-americano que desmistificam o mundo. Ciência/Religião/Liberdade/Democracia categorias que se interligam no pensamento ruiano, prova disso é que, quando em 1903, talvez descrente que

---

<sup>18</sup> BARBOSA, Rui. Secularização dos Cemitérios. In: Obras Completas de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1950, v. 7, tomo 1. p. 163.

<sup>19</sup> Cartas inglesas. P. 91.

ainda viesse poder influenciar a vida brasileira, se propôs a fazer, num discurso para os alunos do Colégio Anchieta, seu “testamento político”, uma “expansão publica” do seu amor ao Brasil, praticamente tratou do problema político sob a ótica do problema religioso.

### CONSIDERACOES FINAIS

A postura religiosa de Rui Barbosa não pode ser estudada de forma isolada. Ela está estreitamente relacionada ao projeto de modernidade da sociedade. Era preciso romper as barreiras internas que impediam a inserção do Brasil no movimento mais geral. Seu projeto modernizador se estabelece a partir da educação, ou seja, era preciso vencer a ignorância e o analfabetismo, através do ensino da ciência, de uma postura religiosa que não estivesse ligada ao mundo Ibérico, mas ao anglo-saxônica. A construção da nacionalidade brasileira passava pelo caminho de outras nações. Nesse sentido que as idéias de Rui encontram pouso no pensamento protestantes brasileiro, que precisa se diferenciar do Catolicismo, visto que ambos são cristão. O diferencial encontrado foi o de associar o protestantismo com o progresso e o catolicismo com o atraso. E na construção desse diferencial Rui Barbosa foi usado com bastante propriedade. O desenvolvimento desejado por Rui Barbosa identifica-se com os princípios do progresso educacional protestantes. Se Rui desejava implantar um modelo de progresso para o Brasil, nada melhor do que se apresentar (no caso dos protestantes) como representantes legítimos desse modelo. Rui trabalha a idéia do que “deveríamos ser”, idéia essa que encontrou eco no projeto dos protestantes – “o Brasil deve ser aquilo que as nações protestantes são”.

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Rui. *Obras completas*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1940. 50 Tomos.

\_\_\_\_\_. *O Papa e o Concílio*. Rio de Janeiro: MEC, 1977.

\_\_\_\_\_. *Queda do Império. Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: MEC, 1947, Vol. 16, t. 1.

CAMARGO, Margarida Maria Lacombe (org.). *Atualidade de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

LAVELEYE, Emile. *Do futuro dos povos católicos*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1944.

LUSTOSA, Isabel. (org.). *Estudos históricos sobre Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2000.

SCANTIMBURGO, João de. *O drama religioso de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1994.

VIANNA FILHO, Luiz. *A vida de Rui Barbosa*. 2<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Nacional, 1952.

PAIM, Antonio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 3<sup>a</sup> e. São Paulo: Convivo/INL, 1984.